

Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)



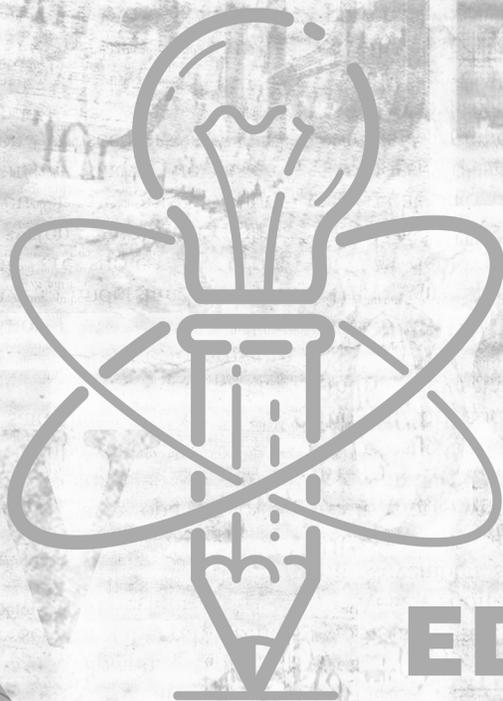
A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos

Atena
Editora
Ano 2023

4

Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)



A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos

 **Atena**
Editora
Ano 2023

4

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

A educação enquanto fenômeno social: políticas educacionais e o saber e o fazer educativos 4

Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adilson Tadeu Basquerote

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
E24	<p>A educação enquanto fenômeno social: políticas educacionais e o saber e o fazer educativos 4 / Organizador Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0996-0 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.960231602</p> <p>1. Educação. I. Basquerote, Adilson Tadeu (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O cenário social atual, permeado por aceleradas alterações econômicas, políticas, sociais e culturais exige novas formas de compressão das relações de entre os indivíduos e desses com o conhecimento. Assim, os processos educativos auxiliam no desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades mentais indispensáveis para o convívio social. Nesse contexto, a obra: **A educação enquanto fenômeno social: Políticas educacionais e o saber e o fazer educativos 4**, fruto de esforços de pesquisadores de distintas regiões brasileiras e estrangeiras, reúne pesquisas que se debruçam no entendimento das perspectivas educacionais contemporâneas.

Composta por dezoito capítulos, a livro apresenta estudos teóricos e empíricos, que versam sobre os processos pesquisa, ensino e de aprendizagem sob a perspectiva de seus atores e papéis. Com efeito, apresenta cenários que expõem experiências que dialogam com distintas áreas do conhecimento, sem contudo, perder o rigor científico e aprofundamento necessário.

Por fim, destacamos a importância da Editora Atena e dos autores na divulgação científica e no compartilhamento dos saberes cientificamente produzidos, à medida, que podem gerar novos estudos e reflexões sobre a temática. Ademais, esperamos contar com novas contribuições para a ampliação do debate sobre a educação enquanto um fenômeno social.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

CAPÍTULO 1 1

APROXIMACIONES A LA COMPLEJIDAD SOCIAL DEL EMBARAZO ADOLESCENTE EN EL MUNICIPIO EL SALVADOR EN GUANTÁNAMO, CUBA

Karina Velázquez Pérez

Banaily Muñoz Padilla

Lilian Lorente Ocaña

Adilson Tadeu Basquerote

Eduardo Pimentel Menezes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316021>

CAPÍTULO 2 18

A ESCOLA NA PRISÃO: UMA ANÁLISE PROFUNDA SOBRE AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DO CURRÍCULO ESCOLAR PARA O PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO SOCIAL DOS SUJEITOS PRIVADOS DE LIBERDADE

Giovanna Vanessa do Nascimento Cornélio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316022>

CAPÍTULO 328

A INCLUSÃO DAS TDIC POR MEIO DA UTILIZAÇÃO DE SMARTPHONE NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) – ENSINO FUNDAMENTAL

Carlos Felipe da Silva Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316023>

CAPÍTULO 4 41

ACESSIBILIDADE CURRICULAR: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS DE ALUNOS DO PROGRAMA TUTORIA

Guilherme da Silva Araújo

Alexsandro Ricardo M. R

Celma Rocha Silva

Lúcia C. Gomes dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316024>

CAPÍTULO 549

A CULTURA INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA NO UNIVERSO INFANTIL

Marina Inês Jantsch Bergamaschi

Jurema de Fátima Knopf

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316025>

CAPÍTULO 664

A EDUCAÇÃO DE ADULTOS NO BRASIL: CONCEPÇÕES, TENSÕES E RUPTURAS (1940-1980)

Leni Rodrigues Coelho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316026>

CAPÍTULO 777

A EDUCAÇÃO “FÍSICA” NUNCA FOI SÓ “FÍSICA”

Ubiratan Silva Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316027>**CAPÍTULO 888**

A EXALTAÇÃO DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA COMO FONTE DE AMPLIAÇÃO DE SABERES E DE REFORÇO POSITIVO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Fernando Schinimann

Maria Aurineide de Castro Costa

Sílvia Cristina de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316028>**CAPÍTULO 990**

A EXPANSÃO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO DO PIAUÍ-IFPI: 110 ANOS DE HISTÓRIA

Maria Keila Jeronimo

Antonio Basílio N. Thomaz de Menezes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316029>**CAPÍTULO 10.....99**

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE QUÍMICA NA MODALIDADE EaD: PERCEPÇÃO DOS LICENCIADOS DO NEaD/UFERSA

Antônio de Andrade Queiroz

Leonardo Alcântara Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160210>**CAPÍTULO 11112**

A INCLUSÃO E A ACESSIBILIDADE DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS EM ESCOLAS REGULARES

Cibele Mai

Leila Maria Goi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160211>**CAPÍTULO 12.....117**

A LEITURA DE MUNDO POR MEIO DA ARTE E GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS

Iara Cíntia da Silva

Ozianne Pinheiro de Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160212>**CAPÍTULO 13..... 126**

ALTERIDADE, ÉTICA E EDUCAÇÃO NO COTIDIANO DA PANDEMIA DA COVID-19: O PRESENTE QUE NOS INTERPELA

Cleusa Távora de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160213>

CAPÍTULO 14..... 138

AMBIENTALISMO E ECOFEMINISMO DE VANDANA SHIVA: CONCEITOS E LIMITES

Bruna Gabriela Bondioli Possebon

Roger Domenech Colacios

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160214>

CAPÍTULO 15..... 156

ANÁLISE DE CONCEITOS SOCIOAMBIENTAIS ENTRE ALUNOS E PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SALVADOR- BAHIA

Isabelle Pedreira Déjardin

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160215>

CAPÍTULO 16..... 170

A ORALIDADE DAS CRIANÇAS DE QUATRO ANOS DE IDADE E AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Elieusa de Sousa Silva Filgueiras

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160216>

CAPÍTULO 17..... 178

A ORGANIZAÇÃO DAS COLETIVIDADES PARA UMA GESTÃO DE SALA DE AULA

Giovani de Paula Batista

Angela Harmatiuk

Alexandre Rafael do Bomfim Almeida

Jamaira Jurich Pillati

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160217>

CAPÍTULO 18..... 187

DIDÁTICA NA RESISTÊNCIA AO EPISTEMICÍDIO DAS DEZ COMPETÊNCIAS DA BNCC

João José do Nascimento Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160218>

SOBRE O ORGANIZADOR 195

ÍNDICE REMISSIVO 196

AMBIENTALISMO E ECOFEMINISMO DE VANDANA SHIVA: CONCEITOS E LIMITES

Data de submissão: 09/01/2023

Data de aceite: 01/02/2023

Bruna Gabriela Bondioli Possebon

0000-0002-2883-7473

Roger Domenech Colacios

0000-0003-2261-3695

VANDANA SHIVA'S ENVIRONMENTALISM AND ECOFEMINISM: CONCEPTS AND LIMITS

RESUMO: Esta pesquisa teve como objetivo compreender a produção ecofeminista e ambientalista da ecoativista Vandana Shiva. Para tal, foram realizados levantamentos bibliográficos sobre as publicações acadêmicas elaboradas por esta autora, bem como uma análise de suas participações em conferências e entrevistas. Além disso, foram verificadas aproximações da obra de Shiva com a Educação Ambiental. As informações relevantes ao projeto foram obtidas por meio das plataformas online de pesquisa e também por bibliografias físicas. Além disso, a investigação tem um caráter inter-relacional, uma vez que analisará os feitos do ecofeminismo e ambientalismo não somente com a Educação Ambiental, mas também em relação com a Teoria de Reprodução Social e como ela pode atuar juntamente com as práticas ecofeministas.

PALAVRAS-CHAVE: Ecofeminismo. Educação Ambiental. Ambientalismo. Vandana Shiva.

ABSTRACT: This research aimed to understand the ecofeminist and environmentalist production of ecoactivist Vandana Shiva. To this end, bibliographic surveys were carried out on the academic publications prepared by this author, as well as an analysis of her participation in conferences and interviews. In addition, approximations of Shiva's work with Environmental Education were verified. Information relevant to the project was obtained through online research platforms and also through physical bibliographies. In addition, the investigation has an inter-relational character, since it will analyze the achievements of ecofeminism and environmentalism not only with Environmental Education, but also in relation to the Theory of Social Reproduction and how it can work together with ecofeminist practices.

KEYWORDS: Ecofeminism. Environmental Education. Environmentalist. Vandana Shiva.

1 | INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa teve como objetivo discutir as principais teorias ambientalistas e ecofeministas de Vandana Shiva. Dessa forma, foram analisados o livro “Ecofeminismo” escrito por Shiva e Maria Mies, bem como entrevistas com a autora e artigos relacionados ao seu ecoativismo. Para contextualizar este assunto, começamos por apresentar uma definição de meio ambiente. O meio ambiente pode ser interpretado de várias formas, uma delas, é como um local em que ocorrem relações dinâmicas e constantes entre as vertentes naturais e sociais (REIGOTA, 2012). Ou seja, todo espaço que apresenta essas conexões diversas entre os humanos e não-humanos entre sociedade e mundo natural, pode ser considerado como meio ambiente. Os impactos ambientais começam a ser percebidos após as mudanças causadas pela Revolução Industrial no século XIX, embora a crise ambiental tenha sido confirmada apenas na década de 1960. Na evolução da manufatura para a indústria, o ser humano tornou-se capaz de alterar o meio ambiente de forma muito mais intensa e, também, causar novos impactos relacionados à poluição. Tanto que atualmente considera-se a palavra Antropoceno, a era geológica do ser humano, como representativa da configuração econômica, social, política e cultural do capitalismo inaugurado com a Revolução Industrial e suas interações negativas com o meio ambiente.

Os movimentos sociais que lutam pela defesa da natureza têm, com o passar dos anos, se tornado cada vez mais relevantes. A busca por formas consumo consciente, alternativas às fontes energéticas fósseis, ou até processos de produção que tenham um impacto menor na biodiversidade, entre outras pautas, são exemplos de políticas que visam mudanças na estruturação da sociedade capitalista atual que utiliza o mundo natural de forma exacerbada e, até mesmo, inconsequente. A preocupação com a situação ambiental, surgiu após os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, aumentando a atenção da sociedade com a poluição causada pela radiação das armas nucleares.

Nesse contexto, das décadas do pós-II guerra, discussões de cunho político e científico surgiram nos EUA e entre países Europeus, principalmente. Em 1968, um grupo empresarial italiano, promoveu a organização de um grupo de cientistas para pesquisar os limites da biosfera, que ficaram conhecidos como Clube de Roma. Estes cientistas discutiram as reservas de recursos naturais, a possibilidade de escassez e também a necessidade de buscar outros métodos de conservação ambiental e um controle sobre as taxas de natalidade mundiais (MEADOWS et. al., 1972; REIGOTA, 2012). Alguns anos depois, em 1972, quando o relatório do Clube Roma foi publicado e, devido à pressão de entidades ambientalistas e do movimento ecológico, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou a Primeira Conferência Mundial de Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, capital da Suécia. O foco desta conferência foram os índices de poluição apresentados pela industrialização, os recursos hídricos, o desflorestamento e formas de educação para o meio ambiente.

Atualmente, mais de cinquenta anos depois de Estocolmo, no relatório Sexto Panorama Ambiental Global da ONU, o GEO-6, a situação do meio ambiente ainda é crítica. Entre os pontos elencados pelo estudo, estão presentes a diminuição na extensão do gelo no Oceano Ártico, a redução do índice global da vida no planeta e o aumento nas tendências em números de perdas relacionadas a desastres ambientais, mas principalmente a comprovação científica do aquecimento global e das mudanças climáticas. Apesar dos fatores indicarem que há uma degradação cada vez maior e contínua dos recursos naturais presentes no planeta, Mayumi Yamasaki, para o Jornal da USP demonstra uma visão otimista contida no relatório:

No final do relatório, a Organização das Nações Unidas indica a integração entre os setores de elaboração de políticas, incluindo agricultura, turismo, indústria, transporte e outros, além de investimento em estudos e sistemas de conhecimento (dados, indicadores, avaliações etc.) para possibilitar medidas mais efetivas e que possam ser aplicadas em mais lugares. Tais ações, certamente, demandam mudanças nas preferências de consumo e responsabilidade corporativa, mostrando que as saídas existem. E que levarão, além da salvação dos ecossistemas, à promoção da saúde humana e sua prosperidade. (YAMASAKI, 2019, s/p.)

Por conta das adversidades enfrentadas pelo meio ambiente no âmbito global, é compreensível a constante e emergente preocupação, de partes da população mundial, com o bem estar do planeta. As consequências disso foram, como já anunciadas anteriormente, organizações sociais visando mudanças nas políticas mundiais relacionadas ao meio ambiente. Uma amostra desse tipo de movimentação, que é bastante conhecida, são as Organizações Não-Governamentais (ONGs), que reúnem diversas pessoas com um mesmo propósito. Algumas ONGs datam desde o início do século XX. Um exemplo, é o estadunidense Greenpeace, fundado nos anos 70 e que luta pela proteção do planeta e justiça ambiental, atuando em muitos países, inclusive no Brasil e em situações de crise ambiental por todo planeta. O Greenpeace é derivado de outro grupo, bem mais antigo, o Sierra Club, que tinha uma atuação mais voltada para a preservação da natureza, no entanto, sem uma conotação política, tal como o movimento ambiental surgido nas décadas de 1960/1970.

Outro desdobramento social que tem se somado à pauta ambientalista é o movimento ecofeminista. O termo Ecofeminismo foi primeiramente utilizado pela feminista francesa Françoise d'Eaubonne em um artigo publicado em 1974, denominado “Le Féminisme ou la mort”, argumentando sobre um problema ecológico, a superpopulação. Segundo Puleo (2017), neste artigo d'Eaubonne afirmava que esta situação ambiental era decorrente da sociedade patriarcal que impedia as mulheres de decidirem por si próprias se teriam o desejo de terem filhos ou não.

Desde a década de 70 até o momento atual tem sido produzido materiais diversos sobre o ecofeminismo. O enfoque principal contido neste termo é o da interconexão

entre a dominação da natureza e a das mulheres (SILIPRANDI, 2000). Podemos verificar similaridades entre a forma com que os seres humanos exploram e controlam a natureza sem grandes preocupações com as consequências disso com a conjuntura patriarcal que oprime mulheres. Do ponto de vista do ecofeminismo, conforme Siliprandi:

[...] o pensamento ocidental identifica, do ponto de vista político, a mulher com a Natureza e o homem com a cultura, sendo a cultura (no pensamento ocidental) superior à Natureza; a cultura é uma forma de “dominar” a Natureza; daí decorre a visão (do Ecofeminismo) de que as mulheres teriam especial interesse em acabar com a dominação da Natureza, porque a sociedade sem exploração da Natureza seria uma condição para a libertação da mulher. (SILIPRANDI, 2000, p. 63)

Apesar de ter um objetivo principal, sendo o de demonstrar a conexão entre a opressão vivenciada pelas mulheres sob o patriarcado com a dominação e exploração ocorrida na natureza pelas formas de produção capitalistas, o ecofeminismo é um movimento plural. De acordo com Gandhi (2018), existem diferentes correntes presentes no interior dessa teoria, sendo o espiritualismo, ecofeminismo mundano, social-construtivista e transformativo elencados pela autora. As ecofeministas espiritualistas consideram o seu espiritualismo como o enfoque principal, enquanto as mundanas creem em uma intervenção ativa para impedir as práticas destrutivas. Na social-construtivista, a conexão mulher-natureza não é aceita, visto que tal conexão é construída socialmente, portanto o papel natural da mulher como a gravidez e a vida, e o do homem como portador da cultura devem ser desconstruídos em busca de uma unidade no papel de ambos. Já as transformativas acreditam que mulheres pelo mundo têm suas situações particulares similares o suficiente para juntarem-se na luta contra o patriarcado capitalista e que têm um papel essencial na vanguarda da luta ecológica (GANDHI, 2018).

O ecofeminismo, em suma, busca trazer as mulheres em um papel de maior protagonismo para as discussões relacionadas aos problemas ambientais, assim como, sociais e políticos. Uma das contribuições desse movimento é de chamar atenção para aspectos que não seriam tão relevantes em outros momentos, tais como o impacto das atividades econômicas nas condições de vida e trabalho das mulheres e outras populações marginalizadas, tais como as indígenas. O ecofeminismo ajudaria a questionar segmentos que não são considerados economicamente relevantes e ao fazer isso quebra padrões que antes estavam fixos em critérios como produtividade, renda e as formas de produção (SILIPRANDI, 2000).

Dentre os principais expoentes da pauta ecofeminista, destaca-se a autora Vandana Shiva. Shiva é física, filósofa e ecoativista, nascida no ano de 1952 na Índia. Ela fundou em 1987 a organização não governamental (ONG) Navdanya, que atua na biodiversidade de sementes, direitos dos agricultores indianos e agricultura biológica (FREITAS, 2019). Shiva recebeu os prêmios Right Livelihood (1993), Sydney da Paz (2010) e Thomas Merton (2011). Além disso ainda possui um grande acervo de artigos, coautorias de trabalhos e

livros publicados. Somente em seu perfil no banco de dados Google Acadêmico é possível encontrar mais de 700 publicações que têm seu nome na autoria. Alguns de seus livros publicados no Brasil incluem, “Biopirataria” (1999), “Monoculturas da Mente: Perspectivas da Biodiversidade e Biotecnologia” (2003) e “A Violência da Revolução Verde: Agricultura, Ecologia e Política do Terceiro Mundo” (2016).

Sempre tendo em consideração a pauta ambientalista e a da ecologia, Shiva também é evidenciada pelos seus trabalhos sobre ecofeminismo. Segundo Gandhi (2018), Shiva é uma ecofeminista transformista, isto se justificaria por defender uma agricultura de subsistência, na qual não haveria um excedente de produção e tudo seria feito para atender apenas às necessidades humanas, indo contra o capitalismo patriarcal. Além disso, de um modo essencialista, Shiva também defende que os seres humanos deveriam se empenhar para aperfeiçoar características consideradas femininas, como ato de cuidar e a compaixão, porque apenas nestes modos de subsistência poderia se encontrar um respeito pela natureza e a harmonia entre seres humanos (GANDHI, 2018).

2 | OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Compreender o ecofeminismo nas obras de Vandana Shiva.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar os pressupostos teóricos-metodológicos de Vandana Shiva;
- Refletir as questões ambientais tal qual a abordagem da autora;
- Verificar as características da Educação Ambiental nessas obras

3 | MATERIAIS E MÉTODOS

A partir destas considerações iniciais, que serviram para a caracterização da autora, foi feito um levantamento de obras que tratassem da temática ambiental e ecofeminista. Para esta busca foram pesquisadas as palavras-chave: “Vandana Shiva”; “Vandana Shiva obras” e “Vandana Shiva livros” na plataforma de pesquisa Google Acadêmico. No total foram identificados 25 livros de sua autoria, sendo eles: Impacto Econômico e Ecológico Social da Silvicultura Social em Kolar (1981); Chipko: Resposta Civilizacional da Índia à Crise Florestal (1986), O Movimento de Chipko Contra a Pedreira de Calcário em Doon Valley (1987); Permanecendo Vivo: Mulheres, Ecologia e Sobrevivência na Índia (1988); Ecologia e a Política de Sobrevivência: Conflitos sobre os Recursos Naturais na Índia (1991); A violência da Revolução Verde: A degradação ecológica e o conflito político no Punjab (1992); Biodiversidade: Perspectivas Sociais e Ecológicas (1992); Women, Ecology

and Health: Rebuilding Connections (1993); Monoculturas da Mente: Biodiversidade, Biotecnologia e Agricultura (1993); Ecofeminismo (1993); Perto de casa: as mulheres reconectam ecologia, saúde e desenvolvimento em todo mundo (1994); Biopolítica (1995); Biopirataria :a Pilhagem da Natureza e do Conhecimento (1997); Colheita Roubada: O Sequestro do Abastecimento (2000); Biodiversidade de amanhã (2000); Patentes, Mitos e Realidade (2001); Protect or Plunder? Understanding Intellectual Property Rights (2001); Guerras da Água: Privatização, Poluição e Lucro (2002); Índia Dividida (2005); As Novas Guerras da Globalização: Semente, Água e Formas de Vida (2005); Democracia da Terra; Justiça, Sustentabilidade e Paz (2005); Manifestos sobre o Futuro da Comida e da Semente (2007); Democratizando a Biologia: Reinventando a Biologia de uma Perspectiva Feminista, Ecológica e do Terceiro Mundo (2007); Fazendo a paz com a terra (2013) e A violência da Revolução Verde (2016). Devido ao grande número de obras — Shiva ainda consta com mais de 900 publicações em seu nome na plataforma Google Acadêmico, sendo muitas traduções publicadas em diversos idiomas e países —, foi necessário selecionar textos mais específicos sobre seus posicionamentos acerca do ambientalismo e ecofeminismo. Dessa forma, optou-se pela leitura do livro Ecofeminismo, feito em conjunto com a ecofeminista alemã Maria Mies e escrito originalmente no ano de 1993. Tal livro foi recentemente publicado em uma versão traduzida para o português no ano de 2021, pela Editora Luas. Este livro “Ecofeminismo” está dividido em capítulos escritos pelas autoras em separado, tornando possível selecionar apenas as partes assinadas por Shiva. Além disso, o livro A Violência da Revolução Verde também foi selecionado com o intuito de ser analisado pelos autores, posto que é uma obra que destaca detalhadamente as consequências, principalmente vivenciadas pela Índia, da implementação da Revolução Verde no país. Da mesma maneira, Shiva também é um expoente do movimento Chipko, já tendo atuado como voluntária e participando ativamente de suas atividades. Com o decorrer dos anos, houve um grande aumento da presença feminina nesse movimento, fazendo com que Shiva considerasse Chipko como um exemplo de prática ecofeminista (KEJRIWAL; VORA, 2019).

4 | RESULTADOS

Shiva dedicou grande parte do seu trabalho intelectual tanto na produção, quanto análise sobre diversos movimentos e problemáticas ambientais, participando desde o movimento Chipko na Índia até o julgamento de ecocídio da Monsanto. A autora apresenta uma longa produção acadêmica, estruturando e organizando livros que tratam de diferentes e numerosos temas a respeito do ambientalismo, podendo citar suas críticas à Revolução Verde e as formas tecnológicas alimentar e agrárias; criação de sementes geneticamente modificadas; a questão da água; biopirataria e também contribuiu grandemente para a difusão do ecofeminismo.

Shiva acabou por se tornar um dos maiores expoentes a respeito do ecofeminismo, trabalhando juntamente com Maria Mies em 1993 para criar o livro *Ecofeminismo*, sendo publicado pela primeira vez em edição brasileira apenas em 2021 pela editora Luas. Tal livro conta com um grande acervo de assuntos, desde a pobreza feminina, saberes e conhecimento dos povos indígenas, tecnologias reprodutivas até uma nova proposta de modo de produção para se contrapor aos moldes capitalistas: o de subsistência.

No final de setembro de 2022, Shiva participou, de forma remota, do encontro Economia de Francisco que ocorreu em Assis, na Itália. Esse evento uniu jovens que, independente de suas crenças ou nacionalidades, se unem para repensar o modelo econômico existente, visando um formato mais justo e sustentável. A autora acompanha o grupo de jovens há 3 anos e, ao realizar sua fala para eles, fez um paralelo com o frade italiano São Francisco de Assis: “Ele tinha entendido que é só dando que se recebe. Seguindo este princípio, seremos capazes de criar uma **economia ecológica, circular e justa**” (CAPUZZI, 2022, s/p). Shiva compreende a necessidade da interlocução entre diversas pessoas de diferentes origens a fim de ser feito uma mudança real dos moldes atuais. Suas produções acadêmicas, ativismo e presença política demonstram seu compromisso com seus objetivos, ou seja, esta autora não só tem demonstrado alternativas, mas age, de forma devotada, para alcançar aquilo que propõe.

5 | DISCUSSÃO

5.1 Ecofeminismo

Como forma de combate às violências contra o meio ambiente e mulheres — uma vez que são elas a serem afetadas pelos desastres ambientais (PULEO, 2017) —, tais como o uso despropositado de agrotóxicos, os OGM, as Revoluções Verdes, Shiva propõe seu entendimento sobre o ecofeminismo. Segundo Shiva, em entrevista para o Grupo Huerquen, “O ecofeminismo reconhece que a natureza não só está viva, mas também é a base de toda a vida e que somos parte dela.”. A autora reforça que por meio da colaboração, cuidado e compartilhamento femininos, alinhados a uma transformação do modo de produção atual para o de subsistência seria possível modificar o estado ambiental contemporâneo para um estado de zelo e respeito com a Terra.

O livro *Ecofeminismo* traz à luz discussões fundamentais para a prática ecofeminista em geral. Ambas as autoras (Shiva e Mies) apontam para o consenso que as preocupações com a opressão das mulheres e exploração da natureza ainda estão presentes nos debates e lutas atuais sobre a questão feminina, de gênero e ambiental também, bem como o fato de que desde o início da dominação patriarcal, as mulheres eram associadas à natureza — considerando esta última de forma pejorativa, com traços irracionais e instintiva. Nessa situação era uma forma de legitimar a opressão, exploração e dominação das mulheres

(MIES; SHIVA, 2021). As autoras comentam que as ferramentas que tornam tal realidade possível são a própria ciência, as tecnologias e a violência em si. Elas criticam a ciência no sentido de que foi ela quem possibilitou a criação de novas armas nucleares, produtos agrotóxicos e poluidores, assim como provocam o uso excessivo de matérias primas.

Diante desse quadro, Shiva considera o ecofeminismo “um novo termo para uma sabedoria antiga” (MIES; SHIVA, 2021, p.65). A autora reconhece que as mulheres são protagonistas na luta contra a destruição ecológica, bem como o fato de que as relações de dominação da natureza e da mulher estão interligadas, tomando consciência para a questão de quando se desafiar essas conjunturas de opressão, tal qual o patriarcado e o modo de produção capitalista, as mulheres tornam possível a preservação das gerações futuras, da vida e do próprio planeta (MIES; SHIVA, 2021). Parte dessa conscientização envolve também a percepção de que os interesses capitalistas e imperialistas dos homens implica em tornar o meio ambiente um local ameaçado, assim como as atitudes consumistas das mulheres atuam como reforçadoras da destruição da natureza e manutenção das formas de dominação. Num ciclo sem fim, cujo horizonte apenas esboça um futuro trágico para a humanidade.

Com a evolução da biotecnologia, engenharia genética e tecnologia reprodutiva, as mulheres passaram a perceber que suas capacidades generativas estavam ameaçadas, da mesma forma com que estava sendo feito com as capacidades produtivas da natureza. Shiva é uma crítica dos resultados alcançados pela Revolução Verde, principalmente a geração das sementes transgênicas e suas implicações, dessa forma, é coerente que a autora também critique a equivalência desse fato na forma de reprodução dos seres humanos (MIES; SHIVA, 2021). Esse princípio ecofeminista estaria centrado na questão de

[...] procurar conexões onde o patriarcado capitalista e sua ciência de guerra estão empenhados em desconectar e dissecar o que forma um todo vivo também orienta esse movimento. Assim, as envolvidas não olham apenas para as implicações dessas tecnologias para mulheres, mas também para os animais, plantas, para a agricultura no Terceiro Mundo, bem como no Norte. Elas entendem que a libertação das mulheres não pode ser alcançada isoladamente, mas apenas como parte de uma luta maior pela preservação da vida neste planeta. (MIES; SHIVA, 2021, p. 69).

Por conta disso, essa práxis feminina facilita a criação de novas conexões e redes de apoio entre mulheres e ativistas em busca do combate às formas de opressão. Shiva (2021) comenta sobre a fala de uma mulher africana realizada durante um congresso em Bangladesh no ano de 1998, na qual foi proferido “Se isso é progresso, nós não o queremos. Podem ficar com ele!” (MIES; SHIVA, 2021, p.69). A autora, em vista dessa crítica ao progresso, analisa as tecnologias que visam ser utilizadas em um sentido contrário a vida, ou seja, instrumentos contemporâneos que trazem prejuízo ao ambiente e seres vivos, isto pode ser encontrado, por exemplo, no uso de agrotóxicos e organismos geneticamente modificados.

Para o ecofeminismo de Shiva, uma questão de muita importância é a espiritualidade. De acordo com essa autora, as mulheres passaram a perceber a interdependência e conectividade de tudo, fato que tornou-se considerado uma dimensão espiritual. Ela critica os materialismos capitalistas e marxistas, apontando que ambos conceituam a felicidade humana como condicionada à produção de bens materiais e, dessa forma, menosprezam esse âmbito espiritual. Além disso, Shiva (2021) aponta que as feministas também notaram que o movimento de “caça às bruxas” tornou possível que os homens passassem a desenvolver uma denominada “ciência e tecnologia patriarcal”, uma vez que houve algo próximo a um extermínio dessas mulheres (bruxas) que executavam atividades relacionadas a uma ciência natural. Nesse quesito, foi tirado das mulheres essa sabedoria e relacionamento com a natureza, fazendo com que posteriormente ressurgisse o desejo de recuperar tais conhecimentos e relações como forma de se libertarem das dominações patriarcais. Essa movimentação fez com que essas mulheres voltassem à espiritualidade. Vale destacar que, para Shiva (2021), o sentido de espiritualidade estaria pautado em um

[...] princípio feminino, que habita e permeia todas as coisas — essa espiritualidade é entendida de uma forma menos “espiritual”, isto é, uma maneira menos idealista. Embora fosse feminino, o espírito não estava separado do mundo material, mas era visto como a força vital em tudo e em cada ser humano: era de fato o princípio de conexão. (MIES; SHIVA, 2021, p.70).

A autora defende que esse princípio estaria ligado a questões próximas à magia e não em sentido religioso. A espiritualidade eliminaria as oposições entre espírito e matéria, transcendência e imanência. Shiva (2021) defende que existiria apenas a imanência, a qual não seria uma “matéria inerte, passiva e destituída de subjetividade, vida e espírito” (MIES; SHIVA, 2021, p. 70). Assim, não é possível que os seres humanos em seus corpos separem o que é material do espiritual, sendo então que esse princípio de conexão entre tudo e todos seria uma fonte de motivação para a defesa e preservação da natureza. A maior proximidade com as mulheres se justifica pelos comportamentos reforçados historicamente. Desde a Antiguidade, as mulheres estavam mais próximas à natureza por conta de seu trabalho ao cuidar da prole, da agricultura e dos afazeres considerados domésticos enquanto os homens praticavam atividades de caça e se dispunham às guerras (ANGELIN, 2017).

Nesse mesmo sentido, Shiva (2021), retoma que, principalmente para as mulheres de Terceiro Mundo, uma cisão entre as questões materiais e espirituais seria impossível. Tais mulheres, devido a sua proximidade maior com a agricultura, por exemplo, consideram a Mãe Terra como um ser vivo que garante a sua sobrevivência e a de seus semelhantes. Existiria um grande respeito ao planeta Terra e uma resistência a sua transformação em matéria prima para a indústria e produção de bens. Dessa forma, esse respeito fundamental à diversidade e limites da natureza aponta na direção do que é considerado central para o

ecofeminismo de Vandana Shiva, um modo de produção baseado na subsistência (MIES; SHIVA, 2021).

Shiva (2021) considera que até o momento as mulheres são as maiores promotoras das atividades em defesa da natureza, mas isso não quer dizer que apenas elas serão as protagonistas dessa mudança. Os homens também têm um corpo biológico que é afetado pelas consequências do industrialismo, agrotóxicos e poluição e, portanto, devem ser agentes de mudança. A autora, em entrevista para o canal do Youtube Fronteiras do pensamento, afirma que

As mulheres continuaram a ser relacionadas com a vida. E isso não era chamado de trabalho, “as mulheres não trabalham”, foi dito. Mas esse era o verdadeiro trabalho de manter, reproduzir a vida. E com a tarefa de realizar essas centenas de trabalhos, as mulheres se tornaram experts multifuncionais. Elas se tornaram experts em água, sementes, comida, solo, dar à luz, bebês, diarreia... As mulheres, através da vida, desenvolveram expertise. E é por isso que eu digo: no que se refere à vida, as mulheres são experts. Não porque nossos genes e biologia nos fazem assim. Mas porque nos deixarem para cuidar do sustento da vida nos fez experts de uma ponte para o futuro, onde teremos que voltar à vida, às considerações de como manter a vida neste planeta. Essa sutileza é o que as mulheres foram capazes de nutrir e continuar. E agora é a hora de as mulheres redistribuírem isso à sociedade. (SHIVA, 2013)

Dessa forma, as mulheres se colocam a frente como detentoras de um conhecimento sobre a vida e a natureza que tem sido ignorado por gerações para a manutenção do modo de produção capitalista e patriarcal. Shiva (2021) aponta que existem diversas questões que devem ser levadas em consideração para a preservação da vida, incluindo a pobreza; desenvolvimento; os conceitos de conhecimento; industrialização; identidades e enraizamento; liberdade e autodeterminação.

Tornou-se possível verificar que os conceitos do ambientalismo de Shiva estão intrinsecamente ligados à sua proposta ecofeminista. Pode-se afirmar que o ecofeminismo serviria como ferramenta de tomada de consciência pelos seres humanos — mas principalmente pelas mulheres — a fim de se tornarem seres transformadores da realidade em prol de uma desconstrução do modelo de produção capitalista e retorno às práticas de subsistência.

5.2 Educação ambiental e ecofeminismo

Apesar da pluralidade de pensamentos dentro do movimento ecofeminista, destacando suas vertentes, como demonstra Gandhi (2018), nas quais existem diferentes especificações que determinam o enfoque de suas ações, como por exemplo uma dieta vegana ou vegetariana, alinhamento com as questões *queer* ou discussões a respeito de colonialidade, o ecofeminismo apresenta um empenho imprescindível em desconstruir os dualismos mulher/homem e natureza/cultura. Dessa forma, esse movimento visa uma transformação nos moldes econômicos e sociais em busca de um sistema baseado na

equidade tanto entre os próprios seres humanos, quanto em relação ao meio ambiente.

Silva e Freitas (2022) apresentam uma discussão de grande importância ao realizarem uma interlocução entre o campo da educação ambiental (EA) e o movimento ecofeminista. Ao considerarem a EA uma área da educação política, alinhados com o pensamento de Reigota (2014), a educação ambiental passa a ter também como objetivo o estudo das relações ambientais, sociais, culturais, econômicas e políticas, não podendo, dessa forma, ser um campo de estudos neutro, mas que busque “desvelar as opressões contidas no contexto sócio-histórico dos educandos por meio da participação dos mesmos nos processos educativos.” (DA SILVA; DE FREITAS, 2022, p.3).

Além disso, os autores argumentam sobre a existência de três macro-tendências político-pedagógicas da EA, conservacionista, pragmática e crítica. Uma vez que as duas primeiras estão focadas na educação individual dos sujeitos e fundamentadas na ciência ecológica, Silva e Freitas (2022) apontam a vertente crítica como mais próxima do ideal, posto que apresenta reflexões sobre o modelo econômico e societário do capitalismo, no qual tanto a natureza, quanto os seres humanos são manipulados como instrumentos a fim de se obter lucro. Layrargues e Lima (2014) também sugerem que existe a necessidade de que as pautas ambientalistas levem em consideração esses mecanismos de reprodução social, visto que “a relação entre o ser humano e a natureza é mediada por relações sócio-culturais e de classes historicamente construídas.” (LAYRARGUES; LIMA, 2014, p.29).

Dessa forma, Silva e Freitas (2022) também afirmam que outras problemáticas como racismo, colonialidade, patriarcado e gênero necessitam de serem estudados enquanto influenciadores dos problemas ambientais e, além disso, a EA deve agir com o princípio de transformadora e emancipadora dos indivíduos, para que os sujeitos possam ser livres de opressão e situações de vulnerabilidade. Ou seja:

[...] a EA crítica e transformadora é aquela que busca compreender, refletir e teorizar sobre a atividade humana mediada pela natureza e que procura ampliar a consciência por meio do desenvolvimento de uma capacidade analítica. A relação entre teoria e prática humana é que leva à reflexão e a transformação material e da subjetividade do sujeito. Isto posto, esta vertente crítica de EA entende como incompatível ambientalismo e capitalismo. (DA SILVA; DE FREITAS, 2022, p. 6)

Após situar a EA como prática imprescindível na luta anticapitalista, os autores também apresentam a Teoria da Reprodução Social de forma a interligar a educação ambiental com o movimento ecofeminista. Tal teoria explica que a (re)produção de mercadorias, como bens materiais e serviços, está indissociável da (re)produção da vida cotidiana, de forma com que uma não ocorre sem a outra.

A reprodução social é aquela que forma os sujeitos do capitalismo (DA SILVA; DE FREITAS, 2022). Enquanto, no decorrer do tempo, o trabalho assalariado passou a se tornar função do homem, o “capitalismo necessita das mulheres para que reproduzam a força de trabalho e que façam isso baseadas em laços afetivos e na família” (DA SILVA;

DE FREITAS, 2022, p. 13). Ou seja, a mulher exerce um papel primordial na manutenção do capitalismo e, mesmo assim, se apresenta de forma invisibilizada e sem custos para o capital. Os autores apontam que, segundo Batthacharya (2019), existem três principais pontos que interligam as mulheres na reprodução da forma de trabalho, sendo elas a atividade de organizar o lar, prover as refeições e garantir que o trabalhador esteja bem e disposto para trabalhar; atividades de criação das crianças a fim de que elas estejam aptas a se tornarem trabalhadoras no futuro e, por fim, gerar a vida de novos trabalhadores por meio de sua particularidade feminina, a gravidez. Nota-se, então, que essas funções extras exercidas pelas mulheres não geram um gasto extra ao sistema capitalista, visto que a dupla ou tripla jornada de trabalho feminina ocorre como um trabalho não pago, ou, muitas vezes, não é considerado como trabalho por si só. Por fim:

[...] o capitalismo é um sistema unitário, pois a esfera da produção e a esfera da reprodução influenciam-se mutuamente. Isto faz com que acontecimentos de uma esfera reverberem na outra. Nesse sentido, ações nas relações capitalistas da esfera produtiva como por exemplo, cortes de salários, redução de jornada ou desemprego em massa, originam mais trabalho na esfera da reprodução ocasionadas pelo aumento da tensão dentro dos lares, violência contra as mulheres, aumento da taxa de alcoolismo e uma infinidade de consequências que impactam a vida das famílias. (DA SILVA; DE FREITAS, 2022, p. 18)

Dessa forma, Silva e Freitas (2022) argumentam que a vertente crítica da Educação Ambiental deve integrar a Teoria da Reprodução Social para que atue como uma abordagem feminista e popular, levando também em consideração as vidas das mulheres oprimidas pelo patriarcado. Para tal, os autores defendem que o ecofeminismo pode ser utilizado (e alinhado à EA) para articular essas discussões.

Por considerar o ecofeminismo um campo teórico que apresenta uma crítica às formas de dominação e opressão do sistema capitalista patriarcal sobre as mulheres e o meio ambiente, Silva e Freitas (2022) sugerem que

[...] a EA se abra a novas formas interpretativas que privilegiem as perspectivas de gênero, uma vez que há, no mundo inteiro, mulheres que são afetadas por dois tipos de desigualdades: desigualdade no acesso aos recursos e desigualdade no reconhecimento social. As duas questões são constituintes da subalternidade e da vulnerabilidade socioambiental feminina. (p. 21)

Silva e Freitas (2022) citam Shiva (2004; 2021) ao considerarem o ecofeminismo como parte importantíssima da atuação da Educação Ambiental crítica. Dessa forma, nota-se que é possível (e viável) que a Educação Ambiental tenha uma relação mutualística com o ecofeminismo, agregando as discussões e ações políticas de ambas as partes.

5.3 Revolução verde

Shiva baseia sua crítica à Revolução Verde na fundamentação para a defesa da agricultura de subsistência. A Revolução Verde é caracterizada: “[..] como um paradigma

tecnológico derivado da evolução dos conhecimentos da química e da biologia, que definiram uma trajetória tecnológica baseada no uso intensivo de insumos químicos.” (SERRA; et. al., 2021). Um dos principais efeitos desse movimento foi a incrementação da produção agrícola e, concomitantemente, o aumento da utilização de agrotóxicos e outros danos ao meio ambiental e social (SERRA; et. al., 2021). Assim, a Revolução Verde, no entendimento da autora, foi uma forma de violência ocidental tanto para a natureza quanto para as mulheres. O mercado do ocidente teria utilizado o desenvolvimento da agrociência para coagir os pequenos agricultores a expandirem sua produção, na intenção de ficarem atados à constante compra dos diversos insumos agrícolas (GANDHI, 2018).

Em relação às mulheres, Shiva afirma que a saída da agricultura de subsistência prejudicou a conexão que existiria entre a natureza e a mulher. Nas pequenas comunidades agrícolas o papel da mulher de cuidado e preservação da natureza era melhor explorado, Shiva critica justamente o afastamento desses dois pontos.

5.4 O movimento Chipko

Apontando posicionamentos mais específicos da autora, destaca-se sua atuação no movimento Chipko. O movimento Chipko tem origem por volta da década de 70 na Índia, onde, após a guerra na fronteira sino-indiana, nota-se o crescimento econômico devido às construções de estradas durante o período de conflito. Isso fez com que diversas empresas madeireiras estrangeiras se interessassem pelo vasto território florestal, desocupando a área dos camponeses que ali residiam. Tais empresas foram mal administradas, fazendo com que as florestas afetadas levassem “a menores rendimentos agrícolas, erosão, esgotou os recursos hídricos e aumentou as inundações em grande parte das áreas circundantes.” (DELPHIPAGES, 2020, s/p).

Esse descontentamento deu início a manifestações da população local, sendo que, primeiramente, o ecoativista Chandi Prasad Bhatt criou a organização Dasholi Gram Swarajya — posteriormente renomeado Dasholi Gram Swarajya Mandal (DGSM) — que visava organizar indústrias pequenas controlada pelos próprios camponeses. Eventualmente, por conta da extração exagerada de madeira, ocorreu uma alteração na intensidade da monção, fato que acarretou em enchentes que tiraram a vida de mais de 200 pessoas (DELPHIPAGES, 2020).

A partir disso, o grupo DGSM tornou-se o principal opositor às grandes indústrias. Unidos ao DGSM, a primeira manifestação Chipko ocorreu na região de Mandal, localizada no vale Alaknanda em 1973. Nessa ocasião, os residentes da área não obtiveram uma certa quantidade de árvores que lhes havia sido prometido a fim de construir ferramentas agrícolas. Vislumbrando que tinham um tratamento diferente ao das grandes indústrias capitalistas, houve revolta e Bhatt levou os moradores até a floresta e lá abraçaram árvores como forma de protesto. Após alguns dias, o governo cedeu sobre a pressão popular e concedeu aquele território aos residentes da área (DELPHIPAGES, 2020).

É nesse contexto que nasce então o movimento Chipko, palavra hindí que significa “abraçar” ou “agarrar-se a”. Posteriormente esse grupo tornou-se ainda mais focado em suas ativistas mulheres, sendo que em 1974 houve mais um protesto na região da vila de Reni. Essa manifestação era contrária à extração de aproximadamente 2000 árvores. Ocorreu uma grande organização coletiva liderada por estudantes, e, no intuito de contornarem a situação, o governo tentou subornar os homens da região para que dessem passagem aos madeireiros. Entretanto, houve a organização das mulheres camponesas da região — lideradas pela ativista Gaura Devi — levando à retirada dos madeireiros da área (DELPHIPAGES, 2020).

Além de terem a principal técnica de abraçar árvores para impedir fisicamente o seu corte, o movimento Chipko conta com atitudes relacionadas ao conceito de **satyagraha**, também conhecida como os preceitos de resistência não violenta elaborados por Mahatma Gandhi. Exemplos disso são jejuns feitos por manifestantes, enfaixar árvores que foram cobertas por resina e até mesmo confiscar ferramentas dos madeireiros sob condição de apenas devolverem caso esses profissionais deixassem a região. As movimentações proporcionaram resultados positivos, destacando-se que em 1980 ocorreu a proibição pelo período de 15 anos da extração de madeira comercialmente no Himalaia de Uttarakhand (DELPHIPAGES, 2020).

Nasce, nessa conjuntura, o interesse de Vandana Shiva pelo movimento Chipko. Shiva começou como voluntária, sendo que retornava todo verão e inverno de seu PhD no Canadá para contribuir com o movimento. A autora comenta que considera que as florestas apresentam beleza e paz, e, visto que é filha de um guarda florestal e uma fazendeira, não haveria como visualizar essa natureza de forma diferente. Ao adentrar o grupo Chipko, cresceu o entendimento de Shiva sobre a floresta como vida, sustento e conhecimento e afirma que tudo que aprendeu sobre a construção de movimentos sociais vem de Chipko (KEJRIWAL; VORA, 2019).

Um dos pontos realçados pela autora é o companheirismo apresentado pelas mulheres desse movimento. Para a Shiva: “se uma mulher estivesse envolvida no protesto, outras cuidariam de seus filhos, vacas, búfalos; e então eles iriam girar. Eu aprendi como você tem que se voltar para dentro de si mesmo para ver quais recursos você tem, ao invés de olhar externamente.” (KEJRIWAL; VORA, 2019, s/p). Outras lições são relacionadas à auto ajuda e solidariedade; Shiva comenta sobre a situação ocorrida em Uttarakhand e como as mulheres se organizaram e confrontaram diversos policiais com lanternas

Ao vê-los, os policiais presentes disseram: “Mulheres tolas, não estão vendo que o sol está brilhando?” Essas lanternas não são para o sol, diziam as mulheres. “Eles são para você”. O slogan que usaram foi “Kya hain jungle ke upkaar? mitti, paani, aur bayaan” (Quais são os presentes das selvas? Solo, água e ar puro). Em outras palavras, as florestas não são resina, madeira e renda. (KEJRIWAL; VORA, 2019, s/p).

Shiva apresenta profundo respeito pelo movimento e constantemente relembra que a maior parte das manifestações realizadas por Chipko são organizadas por mulheres, sendo um claro exemplo de uma prática ecofeminista. Isso também reforça o fato de que para a autora não existe uma cisão entre ambientalismo e ecofeminismo. O ecofeminismo segue ocorrendo como uma prática ambientalista, e não algo que ocorre de forma distanciada (SHIVA, 2021).

5.5 Ativismo

Outras ações incluem também a participação de Shiva no julgamento da Monsanto¹ pelo crime de ecocídio — extermínio em grande escala da natureza ou exploração demasiada dos recursos naturais — no Tribunal Internacional de Haia. Entre os anos de 2016 e 2017 ocorreu o Tribunal Civil da Monsanto, no qual Shiva foi uma das promotoras (ROMERAL, 2017). Houve diversas denúncias e testemunhos sobre as consequências dos pesticidas e organismos geneticamente modificados (OGM) para a saúde e natureza, que desencadearam com a Monsanto sendo considerada culpada por ecocídio. Sobre este assunto Shiva afirmou que:

Acredito que está se tornando inaceitável para as pessoas que empresas que cometem crimes e governos desonestos destruam a terra sem se responsabilizar de forma alguma, violando o princípio de que o poluidor deve pagar. Acho que o mundo está se abrindo para entender o **ecocídio** como um verdadeiro crime contra a natureza. (ROMERAL, 2017, s/p.)

Em outra obra, “Unidade contra o 1%: quebrando ilusões, semeando a liberdade”, Shiva apresenta críticas ao capitalismo, patriarcado e gestão ambiental para além do caso de Monsanto, citando principalmente Bill Gates e Mark Zuckerberg. A autora aponta que os bilionários estão em maior ascensão não só se aproximando de posições de liderança similares a chefes de Estado, mas também os ultrapassando (FREITAS, 2019). Shiva acusa Gates de uma falsa filantropia, uma vez que sua atuação na África, por exemplo, coincide com uma nova Revolução Verde, ou seja, com o objetivo de criar

Um monopólio de sementes, que ao mesmo tempo é um monopólio de produtos químicos. **Terra nullius** era a jurisprudência legal na época de **Colombo** e na época da colonização britânica. Ou seja, a terra está vazia, não pertence a ninguém. Então, primeiro declara-se uma coisa vazia, **nullius**. (FREITAS, 2019, s/p.)

Em outra publicação, no livro “Quem alimenta realmente o mundo?” Shiva retoma a ideia de que a produção de alimentos não vem de grandes corporações alimentícias, mas sim da terra, água, polinizadores, sol e microorganismos. Além disso, a autora afirma que 70% da comida no mundo é produzida por pequenos agricultores e, principalmente, mulheres (ACOSTA, 2018). Shiva também critica a forma com que os alimentos perderam o seu caráter de fonte de nutrientes para serem produtos, alvo de especulação e interesse econômico. Essa crítica é reforçada pela autora quando compreende a agricultura familiar

e de subsistência como substituta do modo de produção patriarcal capitalista, visando a diminuição dos problemas ambientais atuais.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, observou-se diversos âmbitos nos quais Vandana Shiva se envolveu a fim de viabilizar uma existência mais justa e ecológica para todos, podendo citar a criação de sua ONG, Navdanya, contra a patenteação de sementes, seu ativismo no movimento Chipko ou sua oposição ao uso de organismos geneticamente modificados e a monocultura. Entre os tópicos apresentados, nota-se a excelência em suas atribuições, visto que a autora é uma referência consolidada ao se tratar de ecofeminismo. A autora é uma das primeiras fontes encontradas ao se pesquisar sobre essa temática nas plataformas online. Isto se deve, em parte, ao seu pioneirismo, juntamente com Maria Mies, que há quase trinta anos têm estudado feminismo e ecologia. Também ao continuar, desde então, a apresentar e discutir o movimento ecofeminista em eventos e entrevistas por toda a parte.

O ecofeminismo de Shiva, bem como seus outros princípios que motivam suas publicações, acaba, também, por ser uma prática que está alinhada com uma mudança radical do sistema econômico capitalista e patriarcal. Ao considerar imprescindível que exista justiça e dignidade entre todos (seres humanos, não humanos e a natureza), assim como um retorno ao modelo de produção de subsistência, Shiva demonstra sua crítica ao capitalismo e, dessa forma, seu ecofeminismo, em companhia de uma educação ambiental crítica, pode ser utilizado como conduta a se seguir a fim de se contrapor e resistir contra um modelo econômico e social que segrega, domina e oprime todos os seres vivos.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Araceli. **“A comida é o maior problema de saúde que há no mundo”**: entrevista com Vandana Shiva. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/578380-a-comida-e-o-maior-problema-de-saude-que-ha-no-mundo-entrevista-com-vandana-shiva>.

ANGELIN Rosângela. **Mulheres e ecofeminismo**: Uma abordagem voltada ao desenvolvimento sustentável. Universidad en Diálogo: Revista de Extensión, v. 7, n.1, p. 51-68, 2017.

BATTHACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social? Revista Outubro, n.32, p.100-113, 1. sem. 2019. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/o-que-e-a-teoria-da-reproducao-social/>.

CAPUZZI, Lucia. **Vandana Shiva**: “Difundir a arte de dar”. 2022. Traduzido por Luisa Rabolini. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/622492-vandana-shiva-difundir-a-arte-de-dar>. Acesso em: 28 set. 2022.

DELPHIPAGES. **Movimento Chipko**: história, causas, líderes, resultados e fatos. 2020. Disponível em: <https://delhipages.live/pt/estilos-de-vida-e-questoes-sociais/movimentos-e-tendencias-sociais/chipko-movement>.

DA SILVA, Lisiana Lawson Terra; DE FREITAS, André Luis Castro. Educação ambiental crítica e ecofeminismo: uma potente lente epistemológica para uma educação ambiental popular e feminista. *Horizontes*, v. 40, n. 1, p. e022037-e022037, 2022.

FREITAS, Andrea Cunha. **Vandana Shiva**: “Temos de destruir o mito de que a tecnologia é uma religião que não pode ser questionada”. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594334-vandana-shiva-temos-de-destruir-o-mito-de-que-a-tecnologia-e-uma-religiao-que-nao-pode-ser-questionada>.

GANDHI, Anuradha. Ecofeminismo. In: GANDHI, A. **Sobre as correntes filosóficas dentro do movimento feminista**. 2. ed. Nova Cultura, 2018. p. 61-66.

HUERQUEN, Coletivo. **Vandana Shiva aposta no Ecofeminismo**. Disponível em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/vandana-shiva-aposta-no-ecofeminismo/>.

KEJRIWAL, Saahil; VORA, Rachita. **In Conversation With Dr Vandana Shiva**: Chipko Taught Me Humility. 2019. Disponível em: <https://feminisminindia.com/2019/10/15/vandana-shiva-interview-chipko-movement/>

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. *Ambiente e Sociedade*, São Paulo, v.17, n.1, p.23-40, mar. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/f/asoc/a/8FP6nynhjdz4hYdqVFdYRtx/?format=pdf&lang=pt>.

MEADOWS, Donella H.; MEADOWS, Dennis; RANDERS, Jorgen; BEHRENS III, William. The limits to growth: a report to the club of Rome (1972). *Google Scholar*, v. 91, 1972.

PULEO, Alicia. What is ecofeminism?. *Quaderns de la Mediterrània*, v. 25, p. 27-34, 2017.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

ROMERAL, Diego Fernández. “**Colocam a humanidade no limite**”: Para Vandana Shiva, Monsanto é culpada de ecocídio. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/569325-colocam-a-humanidade-no-limite-para-vandana-shiva-monsanto-e-culpada-de-ecocidio>.

SERRA, Letícia Silva; MENDES, Marcela Ruy Félix; SOARES, Maria Vitória de Araújo; MONTEIRO, Isabella Pearce. Revolução Verde: reflexões acerca da questão dos agrotóxicos. **Revista Científica do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável da Undb**, São Luís, v. 1, n. 4, p. 2-25, 9 abr. 2021. Semestral.

SHIVA, Vandana. La mirada del ecofeminismo. **Polis: revista latinoamericana**, Santiago, v.9, p.1-10, 2004. Disponível em: <https://journals.openedition.org/polis/7270>.

SHIVA, Vandana. **As mulheres e a construção do novo mundo**. [S.l.]: Fronteiras do pensamento, 2013. 1 vídeo (2 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XcKx-uE4xrw>.

SHIVA, Vandana; MIES, Maria. **Ecofeminismo**. Editora Luas, 2021.

SILIPRANDI, Emma. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 1, n. 1, p. 61-71, 2000.

YAMASAKI, Mayumi. Novo Panorama Ambiental Global da ONU alerta: sobrevivência na Terra está ameaçada. *Jornal da USP*, São Paulo, 12 mar 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=229464>.

A

Acessibilidade 41, 42, 43, 44, 61, 112, 113, 114

Adultos 9, 18, 27, 28, 29, 30, 31, 38, 39, 40, 49, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 96, 104

Alfabetização 66, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 119, 120, 123, 124, 125

Ambiental 138, 139, 140, 142, 144, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 195

Ambiente 8, 20, 24, 25, 26, 32, 33, 43, 46, 48, 61, 77, 85, 90, 101, 110, 112, 113, 115, 117, 118, 121, 122, 131, 135, 139, 140, 144, 145, 148, 149, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 175, 179, 182, 186

Análise 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 33, 35, 44, 46, 47, 54, 61, 70, 77, 90, 92, 99, 103, 111, 119, 134, 138, 143, 156, 157, 170, 173, 176, 178, 183, 186, 189, 194

Aprendizagem 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 57, 58, 73, 86, 87, 93, 102, 104, 108, 110, 114, 116, 117, 118, 123, 124, 125, 165, 170, 171, 172, 174, 175, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 189, 192, 195

Arte 51, 67, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 135, 153

Atividades 24, 34, 35, 36, 37, 38, 48, 57, 58, 65, 68, 69, 70, 72, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 100, 101, 102, 107, 115, 141, 143, 146, 147, 149, 179, 181, 182

Aula 22, 27, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 44, 45, 47, 72, 82, 83, 84, 88, 102, 109, 114, 115, 124, 159, 161, 164, 165, 166, 168, 172, 174, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188

Avaliação 36, 44, 45, 85, 96, 97, 115, 183, 186, 191

B

Brasil 1, 19, 21, 23, 26, 32, 39, 44, 48, 54, 55, 59, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 74, 75, 76, 81, 82, 87, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 101, 110, 111, 115, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 130, 140, 142, 157, 161, 164, 166, 168, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194

C

Ciência 39, 52, 63, 65, 81, 83, 92, 97, 98, 99, 122, 131, 135, 145, 146, 148, 156, 157, 158, 163

Covid-19 45, 126, 127, 130, 134, 135

Crianças 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 73, 90, 92, 115, 119, 120, 122, 123, 149, 164, 165, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176

Cultura 6, 15, 19, 26, 30, 39, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 70, 75, 88, 89, 120, 128, 131, 133, 134, 141, 147, 154, 164, 178, 192

D

Desenvolvimento 20, 22, 30, 31, 32, 34, 44, 45, 53, 65, 66, 67, 69, 71, 72, 73, 74, 79, 81, 83, 90, 97, 101, 102, 108, 113, 114, 120, 123, 135, 143, 147, 148, 150, 153, 154, 155, 157, 162, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 184, 185, 186, 190, 195

Docente 28, 29, 74, 99, 100, 104, 106, 109, 114, 117, 118, 181, 182, 186, 188, 193

E

Educação 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 35, 37, 39, 40, 43, 44, 48, 49, 52, 54, 55, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 124, 126, 127, 131, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 142, 147, 148, 149, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 178, 180, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Educação básica 49, 82, 88, 120, 164, 168, 178

Educação física 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 112, 114, 178

Ensino 20, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 46, 48, 49, 55, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 81, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 119, 120, 122, 124, 125, 156, 157, 158, 163, 164, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 192, 193, 195

Escola 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 31, 32, 34, 35, 39, 51, 52, 56, 60, 68, 73, 74, 81, 82, 83, 84, 85, 91, 92, 93, 94, 98, 112, 114, 120, 124, 125, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 164, 168, 171, 172, 173, 175, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193

Estudantes 22, 23, 31, 33, 42, 67, 69, 75, 96, 113, 151, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 190, 191

F

Federal 15, 16, 27, 39, 41, 42, 44, 48, 49, 54, 63, 64, 65, 68, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 111, 113, 136, 176, 193, 195

Formação 18, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 39, 42, 43, 48, 61, 65, 66, 67, 70, 80, 81, 90, 93, 94, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 121, 157, 158, 163, 164, 167, 168, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 188, 193

G

Gestão 19, 20, 23, 67, 98, 112, 113, 152, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186

I

Inclusão 28, 33, 35, 41, 42, 43, 48, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 174

Infantil 3, 4, 14, 15, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 67, 106, 115, 120, 121, 124, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 193, 195

L

Leitura 30, 32, 36, 38, 44, 51, 73, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 134, 143, 170, 171, 172, 173, 174

Liberdade 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 54, 107, 118, 128, 130, 133, 135, 147, 152, 187, 189

M

Metodologia 30, 35, 40, 42, 46, 54, 70, 74, 88, 98, 99, 102, 108, 109, 111, 158, 186

N

Necessidade 19, 31, 34, 38, 55, 65, 81, 115, 127, 134, 135, 139, 144, 148, 157, 161, 163, 166, 167, 175, 180, 181, 182

O

Oralidade 28, 30, 37, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176

P

Pedagogia 27, 31, 41, 158, 178, 187, 189, 194, 195

Período 11, 12, 31, 45, 46, 52, 53, 54, 56, 64, 70, 71, 80, 81, 90, 94, 119, 126, 129, 130, 134, 150, 151, 180

Possibilidade 20, 38, 68, 81, 118, 123, 139, 171, 174, 186, 190, 192

Práticas 19, 20, 22, 37, 39, 41, 42, 44, 46, 52, 64, 69, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 109, 110, 113, 115, 120, 124, 131, 138, 141, 147, 156, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 172, 174, 179, 183, 186, 187, 191, 195

Prisão 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26

Problemas 4, 10, 14, 30, 31, 34, 35, 38, 65, 66, 67, 72, 110, 129, 130, 141, 148, 153, 156, 157, 160, 161, 163, 166, 167, 169, 181

Professores 22, 31, 32, 39, 58, 81, 84, 85, 88, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 156, 157, 158, 159, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 180, 181, 182, 184, 185, 186

Q

Química 80, 96, 99, 100, 102, 103, 106, 108, 110, 111, 150

S

Sociedade 19, 20, 22, 25, 26, 30, 49, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 72, 73, 75, 79, 81, 82, 94, 96, 97, 101, 113, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 124, 128, 129, 130, 133, 134, 136, 139, 140, 141, 147, 154, 157, 161, 163, 165, 168, 176, 189, 193

T

Tecnologias 28, 29, 30, 31, 32, 37, 39, 60, 62, 111, 144, 145

Trabalho 21, 24, 25, 28, 30, 32, 34, 37, 41, 42, 43, 44, 46, 50, 51, 54, 55, 56, 58, 60, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 79, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 99, 100, 102, 104, 110, 114, 117, 118, 123, 135, 136, 141, 143, 146, 147, 148, 149, 162, 164, 170, 171, 172, 174, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 194

www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos

www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos